



O MUNDO CONTEMPORÂNEO SOB UMA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL

Jonathan Duarte da Silva

Graduando em Geografia e Meio Ambiente
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)¹
jonathan-geo@aluno.puc-rio.br

Resumo

Neste trabalho apresento a configuração atual do mundo contemporâneo, marcado por uma matriz multidimensional, que relaciona o Ocidente, o Capitalismo e a Modernidade como sendo os precursores da estrutura e do imaginário político, econômico e social da população ocidental. Além de buscar uma reflexão acerca das possíveis causas da reprodução e manutenção de tais sistemas, que influenciam as formas de pensar e agir da população em diferentes partes do mundo.

Palavras-chave: Modernidade, Ocidente, Capitalismo, Imaginário.

EL MUNDO CONTEMPORÁNEO BAJO UNA PERSPECTIVA MULTIDIMENSIONAL

Resumen

En este trabajo presento la configuración actual del mundo contemporáneo, marcado por una matriz multidimensional, que relaciona el Occidente, el Capitalismo y la Modernidad como siendo los precursores de la estructura y del imaginario político, económico y social de la población occidental. Allá de buscar a una reflexión en cerca de las posibles causas de la reproducción y manutención de tales sistemas, que influyen las formas de pensar y actuar da la población en diferentes partes del mundo.

Palabras claves: Modernidad, Occidente, Capitalismo, Imaginario.

A história moderna e contemporânea pode ser vista como uma história de sistemas coloniais, sistemas imperialistas, geoeconomias e geopolíticas. Cenário da formação e expansão dos mercados, da industrialização, da urbanização e da ocidentalização, envolvendo nações e nacionalidades, culturas e civilizações (ARRIGHI, 1994). Algumas das nações mais poderosas, em cada época, articulam colônias ou territórios em conformidade com suas estratégias. As guerras e revoluções povoam largamente essa história, revelando articulações e tensões que emergem e desdobram o jogo das forças sociais “internas” e “externas” nas metrópoles, nas colônias, nos territórios e

¹ Bolsista do Programa de Educação Tutorial em Geografia (PET-Geo) da PUC-Rio.

nas nações dependentes. Com isso, percebemos como a ordem distante interfere nas estruturas e conjunturas da ordem próxima, e vice-versa.

As hegemonias que regem o mundo são poderes que vão além da dominação, são ampliadas pelo exercício da liderança intelectual e moral, manifestando a supremacia de um grupo social ou classe sobre outro(a).

Existem duas formas de exercer a hegemonia: uma delas é a coerção que implica o uso da força ou uma ameaça de força digna de crédito; e a outra forma de hegemonia é o consentimento/convencimento que implica a liderança moral.

Essa hegemonia implica poder, em que acaba se expressando espacialmente, na constituição de territórios, sendo esse último representado por uma liderança ou um conjunto de lideranças que impõem suas vontades sobre quem não tem poder (IANNI, 2007). Vale lembrar que o poder é fluido, está em constante movimento e circula de território em território de acordo com os diferentes contextos históricos.

Essa noção de poder pode ser encontrada nos mapas (HARLEY, 2009), em que a questão da centralidade de determinados países ou continentes indicam relações de poder assimétricas. A narrativa que se encontrava ao entorno dos mapas, no início da Idade Moderna, indicava quem dominava o cenário mundial, e quem tinham as riquezas bem administradas. Com isso, temos que os valores e as simbologias variam de acordo com os interesses de quem tem hegemonia.

Esses princípios são os que estão presentes no imaginário Ocidental, no discurso da Modernidade e no sistema Capitalista. Essa tríade configura o mundo contemporâneo, e iremos analisar gradualmente cada um para que possamos compreender suas articulações e estratégias.

O discurso da Modernidade e suas implicações

Com o fim da Idade Média e início da Moderna temos algumas transformações nas estruturas econômicas, jurídico-políticas e ideológicas, pois a nova ordem vem afirmando que a razão deve se sobrepor a subjetividade religiosa de explicação e compreensão do mundo. Para isso foi utilizados

diferentes mecanismos de imposição de ideais à população mundial, um desses mecanismos foi à dessacralização da natureza, em que ela não era mais dominada por Deus, agora o homem poderia intervir e dominá-la como fonte de recursos para suprir suas necessidades básicas e complexas.

O discurso da Modernidade é um elemento crucial do conceito de eurocentrismo, sendo esse último, definido como: a Europa é o centro de explicação e poder em escala local e global, que atinge seu auge com o avanço marítimo das navegações, introduzindo em diferentes culturas suas ideologias de dominação.

Com isso a heteronomia também é propagada como a noção de que as outras culturas são incapazes de formular legislações a seu favor e que devem, com isso, aderir, sem questionar, as legislações estrangeiras, mais precisamente, dos países centrais. Em outras palavras, a heteronomia implica na ideia de que os países periféricos não possuem autonomia política e econômica para formular nada a seu favor, são inferiores perante os países centrais.

Segundo Dussel² (2005, p. 4), temos que a Modernidade possui dois conceitos centrais:

O primeiro deles é eurocêntrico, provinciano, regional. A modernidade é uma emancipação, uma “saída” da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, que proporciona à humanidade um novo desenvolvimento do ser humano. (...) visão “eurocêntrica” porque indica como pontos de partida da “Modernidade” fenômenos intra-europeus, e seu desenvolvimento posterior necessita unicamente da Europa para explicar o processo. (...) uma segunda visão da “Modernidade”, num sentido mundial, e consistiria em definir como determinação fundamental do mundo moderno o fato de ser “centro” da História Mundial.

Com isso percebemos que a História do Mundo acaba se confundindo com a História Européia, em que se conta sempre a história dos vencedores e da elite européia, em detrimento da história das outras culturas, dita, dos pobres e perdedores.

² Enrique Dussel, (Mendoza, Argentina, 24 de dezembro de 1934-) é um filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da Filosofia da Libertação e do pensamento latino-americano em geral. Dussel vem sendo classificado, por muitos teóricos, como crítico da pós-modernidade chamando por um novo momento denominado transmodernidade. É um crítico do pensamento eurocêntrico contemporâneo.

A Europa moderna, desde 1492, usará a conquista da América Latina como um salto para tirar uma “vantagem comparativa” determinante com relação a suas antigas culturas antagônicas. Sua superioridade será, em grande medida, fruto da acumulação de riquezas, conhecimentos, experiências, etc., que acumulará desde a conquista da América Latina.

A Modernidade, como novo “paradigma” de vida cotidiana, de compreensão da história, da ciência, da religião, surge ao final do século XV e com a conquista do Atlântico, porém há controvérsias com relação ao surgimento da Modernidade, em que alguns autores afirmam que surge no século XVIII com a Revolução Francesa e os respectivos ideais de Liberdade-Igualdade-Fraternidade.

A análise das modificações dos valores durante a modernidade faz se ter a hipótese de que na base destes valores modernos há um duplo fundamento formado pelo par novo/tradicional (HARVEY, 1994). Estes dois pólos epistemológicos se opõem, são concorrentes e simétricos, e formam um conjunto, um todo, por suas características definidas como diferenças, de um em relação ao outro. Existem tradições no novo e novidades no tradicional.

A civilização moderna autodescreve-se como mais desenvolvida e superior (o que significa sustentar inconscientemente uma posição eurocêntrica). A superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros, rudes, como exigência moral. O caminho de tal processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa (é, de fato, um desenvolvimento unilinear e a Europa que o determina, novamente de modo inconsciente, a “falácia desenvolvimentista”). Como o bárbaro se opõe ao processo civilizador, à práxis moderna deve exercer em último caso a violência, se necessário for, para destruir os obstáculos dessa modernização. Esta dominação produz vítimas (de muitas e variadas maneiras), violência que é interpretada como um ato inevitável, e com o sentido quase-ritual de sacrifício; o herói civilizador reveste a suas próprias vítimas da condição de serem holocaustos de um sacrifício salvador (o índio colonizado, o escravo africano, a mulher, a destruição ecológica...). Para o moderno, o bárbaro tem uma “culpa” (por opor-se ao processo civilizador) que permite à “Modernidade” apresentar-

se não apenas como inocente, mas como “emancipadora” dessa “culpa” de suas próprias vítimas. Por último, e pelo caráter “civilizatório” da Modernidade, interpretam-se como inevitáveis os sofrimentos ou sacrifícios (os custos) da modernização dos outros povos “atrasados” (imatuross), das outras raças escravizáveis, do outro sexo por ser frágil, dentre outros exemplos.

Analisando o Brasil, temos que o mesmo foi um laboratório da modernidade que deu certo, e com isso, os europeus puderam agir de forma mais eficaz nas “regiões novas”, do que no continente de origem, onde havia relações de poder cristalizadas há séculos. O resultado dessas “experiências” foi à constituição dos povos novos, ocorreu uma fusão étnica e da síntese cultural de contingentes humanos desenraizados. Essas são as marcas fundamentais dos novos povos americanos.

Com isso temos que o eurocentrismo da Modernidade é exatamente a confusão entre a universalidade abstrata com a mundialidade concreta hegemônica pela Europa como “centro”. A Modernidade como uma força transcendente e universalizadora da modernização.

O imaginário Ocidental e a sua difusão pelo mundo

A visão Ocidental foi construída a partir do que se sabe, conceitualmente, como alteridade. Esse conceito tem como definição a ideia de oposição (racial, econômica, cultural, religiosa, política, desenvolvimentista, valores, dentre outros) do “Eu” e do “Outro”. É necessário definir o “outro” para que “eu” possa me afirmar. Analisando etimologicamente a palavra “alteridade” existem duas palavras que designam o “outro”, são elas provindas do Latim: Alter (o outro diferente) e Alien (o outro excluído/invisível). Com isso temos que “alteridade” tem haver com indiferença/separação.

A alteridade incorpora o discurso da Modernidade, e a visão dos países centrais sendo superiores e a dos países periféricos sendo inferiores se amplia com a visão Ocidental de mundo, ajudando assim, a construir o imaginário social, arraigado de valores dessa natureza. A noção de diferença e desigualdade se mescla nessa difusão do imaginário, em que diferentes raças,

gêneros e culturas são classificados em superiores e inferiores, promovendo desigualdades em diversos níveis e grandezas.

Desde o início da Idade Moderna nota-se, que vem ocorrendo um processo de ocidentalização do mundo, em que muitos valores culturais vêm sendo substituídos por outros, o que provoca a extinção de algumas manifestações culturais.

De acordo com Crosby³ (1999, p. 23), a singular realização intelectual do Ocidente consistiu em unir a matemática e a mensuração e em impor-lhes a tarefa de dar sentido a uma realidade sensorialmente perceptível.

Percebemos no mundo contemporâneo que o processo de ocidentalização, vem tentando cada vez mais homogeneizar os espaços que são por essência, heterogêneos (SAID, 2007). O discurso da modernidade passa, atrelado, ao sistema capitalista, o ideal de progresso e desenvolvimento. O que atrai a atenção dos países periféricos, pois todos almejam serem potências em algum momento histórico, objetivam ter todos os privilégios que os países centrais obtêm. Como já foi abordado, esse desejo foi gradualmente construído com o pensamento ocidental/moderno/capitalista.

Com relação à homogeneização, podemos analisar que ela ocorre no sentido de promover uma monodimensionalidade de pensamentos, ações e tecnologias. Porém, como o espaço é, por essência, multidimensional, a heterogeneidade é mais forte, no sentido de que quem promove esses espaços diferenciais são justamente os que tem poder, os vetores hegemônicos, que possuem interesses político-econômicos diferentes. Ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”.

Vale ressaltar que o imaginário que o Ocidente construiu a seu favor, também se pode encontrar os “antídotos”. Como exemplo disso, temos os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, que estão presentes nos mais variados discursos do mundo contemporâneo. A busca e as lutas pelos direitos

³ Alfred W. Crosby é historiador e professor emérito de História, Geografia e Estudos Americanos da Universidade do Texas em Austin. Crosby acrescentou biologia para o processo de exploração humana, chegando com explicações para eventos diversos.

humanos, também são outras formas que expressam esses “antídotos” lançados pela ocidentalização.

Em muitos países, o choque cultural que acontece, principalmente, entre culturas ocidentais e orientais é bem evidenciado, através de conflitos ocasionados por intolerâncias às diversidades de valores e pensamentos, que se materializam no espaço provocando a concretização de espaços heterogêneos e conflituosos. Essa intolerância é mais evidenciada com relação às culturas orientais, em que podemos citar como exemplo, os árabes que são vistos como os terroristas suicidas e violentos. A visão ocidental ao propagar a sociedade quem é superior e quem é inferior, de acordo com ideologias culturais e geopolíticas lançadas, considera os orientais inferiores e os americanos e/ou europeus superiores, considerados às vezes como heróis. No exemplo citado dos árabes, em muitos filmes, principalmente norte-americanos, os árabes que são vistos como os terríveis e violentos, são combatidos pelos “heróis” americanos.

As identidades formadas nesses espaços buscam, constantemente, um reconhecimento e uma autodeterminação perante o Estado e a sociedade. Lutam por liberdades de expressão e pensamento, além de buscar usufruir os mesmos direitos que os ditos cidadãos locais possuem, por serem pertencentes à nação. Esse é um dos dilemas dos imigrantes, que trazem consigo sua cultura e muitas das vezes são reprimidos por as manifestarem.

A formação dos diversos grupos étnicos minoritários no interior dos Estados-nação do Ocidente levou a uma constituição de culturas e identidades plurais.

Por fim, podemos perceber que o Ocidente é mais do que uma região cartográfica, e sim um conjunto de ideologias que compõe a massa crítica da maioria da população mundial. Notamos seus valores no cotidiano das pessoas, nas suas formas de se expressar e agir.

O sistema Capitalista e suas diferentes formas de apropriação e ampliação reprodutiva

O auge do sistema capitalista se dá com a consolidação da sociedade burguesa e seus ideais de progresso e desenvolvimento que está atrelado à acumulação de capital e propriedade privada.

O contexto histórico, do auge do sistema capitalista, é o Iluminismo. Em que a razão burguesa enquadrava todas as esferas da vida. As mitologias, as religiões, a arte, a tradição, o direito, o Estado, a política, a economia, tudo foi julgado à luz do ideal homogeneizador do progresso.

As diferenças presentes no mundo é que tiveram de se adaptar ao modelo de progresso, pois o mesmo não foi construído para valorizar as diferenças pessoais, regionais, nacionais, dentre outras.

Marx tratou o estudo desse novo mundo a partir da mercadoria. No início a troca só era possível pelo princípio de equivalência entre dois produtos distintos, a troca direta. Porém esse modelo não poderia organizar a vida social, pois é muito limitada no tempo e no espaço. Logo o equivalente geral se torna mais desejável do que a posse de uma mercadoria específica.

Três padrões tradicionais regeram as relações entre povos dominados e dominantes: pilhagem das riquezas acumuladas, cobranças de impostos e o estabelecimento de relações desiguais de comércio.

A Europa moderna realizou a inclusão, no circuito do dinheiro, de três elementos: a força-de-trabalho humano, a terra e os meios de produção. Todos esses elementos estão na gênese do mundo atual. Com isso foi se transformando em mercadoria os atributos fundamentais dos seres humanos e da natureza, dando uma percepção utilitarista e produtivista desses recursos.

Tudo se transforma em mercadoria, o circuito mercantil reorganiza a sua imagem, toda a vida social se modifica também. O circuito mercantil se completou e se tornou universal e invisível.

A sociedade desenvolve novas características como: a necessidade de aumentar constantemente a massa de mercadorias; ampliar o espaço geográfico inserido nesse circuito para criar mais riquezas e incluir mais pessoas no processo; novos bens e necessidades humanas voltadas para as

fantasias, que são ilimitadas; contrair o tempo em que o capital existe encarnado em coisas e valores. Ocorre assim, uma universalização do modelo ocidental de desenvolvimento centrado no valor de troca, materializado na relação capital/trabalho.

Segundo Sochaczewski⁴ (1994, p. 8),

Nos últimos quinhentos anos, o capitalismo foi acelerando o ritmo de mudanças com a utilização crescente de novas tecnologias. A manufatura organizada de forma capitalista e em seguida a produção industrial revolucionaram técnicas, métodos, instrumentos e máquinas, possibilitando a criação de uma riqueza, até então, inédita no mundo em termos de diversidade e quantidade de produtos.

Essas características vão definir a dinâmica fundamental da nova sociedade, sendo norteadas por três direções: a revolução técnica incessante (voltada para expandir o espaço e contrair o tempo); a revolução cultural (para fazer surgir o homem portador das novas necessidades em expansão) e a formação do sistema-mundo (para incluir o máximo de população dentro do processo mercantil).

A influência da difusão midiática na sociedade de hoje, promove uma maior consolidação dos modos de consumo, em que a todo instante as pessoas estão recebendo hiperestímulos que a persuadem a comprar a todo instante, pois tudo está ao dispor 24 horas, ou seja, em período integral. Essa sociedade do século XXI, marcada por uma articulação em rede, em que os fluxos são de informação, de população e de capital.

Embora o modo de produção capitalista seja caracterizado por uma expansão contínua, sempre tentando superar limites temporais e espaciais, foi apenas no final do século XX que a economia mundial conseguiu tornar-se verdadeiramente global, com base na nova infraestrutura, propiciada pelas tecnologias de informação e comunicação. Essa globalização envolve os principais processos e elementos do sistema econômico.

Na síntese, o sistema capitalista busca constantemente a mais-valia, através da apropriação e exploração da força-de-trabalho, e por sua vez, do trabalho excedente, que irá lhe garantir a mais-valia. Contabilizar o tempo de

⁴ Suzanna Sochaczewski nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 1º de abril de 1947. Sochaczewski é mestre e doutora em Sociologia pela USP. Está engajada em atividades de formação para dirigentes sindicais.

trabalho e o salário correspondente é uma tarefa difícil, que é motivo de conflitos desde o surgimento do sistema até hoje.

A lógica capitalista que faz com que as pessoas desde que nascem sofram influência direta do modelo de consumo deixam-nas presas a ter que vender sua força-de-trabalho em troca de salários, que por sua vez consistirão em subsistência e compra de bens materiais para o cotidiano. As pessoas ao viverem nas cidades, não possuem muito tempo disponíveis para produzir subsistência e acaba tendo que vender a única coisa que lhes restam, a força-de-trabalho. No campo também se pode observar a existência desse quadro.

Na sociedade atual podemos perceber que os modos de produção e consumo que estão presentes na vida cotidiana das pessoas, são difundidos pelo mundo através do discurso moderno, que vem pregando a necessidade constante de sair do atrasado e ir para o sofisticado, o que exige necessariamente, o consumo de novas tecnologias. A visão Ocidental que também tem em suas raízes a modernidade e a estrutura do sistema capitalista é outro influenciador do comportamento e do pensar humano.

Considerações finais

Estratégias de manutenção dessa tríade são visíveis, a uma análise mais cuidadosa do mundo contemporâneo, em que se podem observar os países periféricos, através do ideal de progresso e desenvolvimento, buscando obter todos os recursos sofisticados e os privilégios dos países centrais, em contra partida os países centrais buscam incessantemente inovar-se tecnologicamente, e por consequência, permanecer como sendo o controlador e gestor das atividades políticas e econômicas a nível local e mundial, promovendo assim, uma distância socioeconômica cada vez maior dos países centrais e periféricos.

A globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro de regiões, formando variadas geometrias do poder (MASSEY, 2007). Parece improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, novas identificações “globais” e

novas identificações locais. As imagens, os artefatos e as identidades da modernidade ocidental, produzidos pelas indústrias culturais das sociedades “ocidentais” que dominam as redes globais. As sociedades da periferia têm estado sempre abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca.

A migração é um fator impulsionado pela globalização, em que as pessoas mais pobres do globo, em grande número, acabam por acreditar na “mensagem” do consumismo global e se mudam para os locais de onde vêm os “bens” e onde as chances de sobrevivência são maiores.

Cabe observar, que é necessária uma mudança dos modos de produção e consumo do sistema capitalista, pois o mesmo nesse ritmo acelerado irá trazer drásticos acontecimentos a população mundial, que vai desde mudanças nas relações sociais, às problemáticas ambientais. Com relação à ocidentalização e a modernidade, devemos nos questionar se a superioridade dos países centrais é a mais adequada a ser seguida, nos instigando a uma nova configuração espacial. As conjunturas e estruturas sociais precisam ser modificadas a fim de obtermos uma sociedade mais sociodemocrata.

As identidades, que são construções socialmente elaboradas ao longo de um tempo, são diretamente influenciadas por essa tríade que foi ao longo do texto explorada, a fim de mostrar como elas se articulam e (re)produzem um imaginário atrelado de valores, que suscitam um poder simbólico que atinge a sociedade como um todo, independente de raça, classe, gênero, religião e nacionalidade, formando um mosaico de espaços e tempos heterogêneos.

Por fim, temos que o modelo homogeneizador que se sobrepõe ao mundo contemporâneo encontra obstáculos a sua frente, cujas barreiras são justamente a produção e reprodução dos espaços heterogêneos, que são constituídos por diferenças que promovem uma grande diversidade sociocultural. Porém o modelo hegemônico moderno-ocidental-capitalista é o marcador das diferenças e com isso, com interesses próprios e um grupo social bem definido, promove a criação de desigualdades por todo o globo. Temos assim um mundo regido por normas que seguem determinado modelo hegemônico.

Essa complexidade exposta ao longo do artigo nos propõe novos desafios de tentativas de se pensar e tentar promover transformações graduais a curto, médio e longo prazo.

Referências

ARRIGHI, Giovanni. **O longo século XX**: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. 5 ed. Rio de Janeiro: Contraponto: 1994. 182 p.

CROSBY, Alfred. **A mensuração da realidade**: a quantificação e a sociedade ocidental, 1250-1600. São Paulo: Unesp, 1999. 242 p.

DUSSEL, Enrique. Europa, Modernidade e eurocentrismo. *In*: LANDER, Luis Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 55-70.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confins**, São Paulo, n. 5, 2009. Disponível em: <<http://confins.revues.org/signaler5724?lang=pt>>. Acesso em: 25 fev. 2010.

IANNI, Octavio. **Teorias da globalização**. 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 232 p.

MASSEY, Doreen. Imaginando a globalização: geometrias de poder de tempo-espaço. **Expressões Geográficas**, Florianópolis, n. 3., mai. 2007. P. 142-155.

SAID, Edward. **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 523p.

SOCHACZEWSKI, Suzanna. Novas tecnologias para quê? **Travessia**, São Paulo, n. 18, 1994. p. 8-9.

Recebido em fevereiro de 2012; aceito em junho de 2012.